

JORNAL DOS DEBATES

POLITICOS E LITTERARIOS.

Publica-se nas Quarta-Feiras e Sábados. — Subscreve-se nesta Typographia. — O Preço da Assinatura é de 20000 rs. por Trimestre, pagos adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia de Crémire, rua do Ouvidor, n. 104.

INTERIOR.

(ARTIGO COMMUNICADO.)

A riquesa de qualquer povo depende da somma de seus productos, e estes são necessariamente o resultado da sua industria e trabalho: para que os mesmos productos tenham um valor realisavel, preciso é faser os entrar em movimento por meio de trocas, comunmente a cargo do commercio, que lhes procura consumidores; e quanto maior somma de productos offerecer, mais riqueza apresenta, mais credito, e menos dependencia. Não desenvolvemos esta teoria, de obvia concepção, por estar ao alcance de todos, a quem os principios economico-politicos são conhecidos. Nem diremos neste que sem boas estradas, sem meios de transportar as produções excedentes do consumo immediato, esmorecerá o productor, deixarão essas riquezas de entrar em circulação, e ficarão como se não existissem. Poderíamos apontar exemplos de muitas nações, que, pobres em seu comego devem à sua industria, à par das lusas e civilisação dos ultimos séculos, o poderio a que chegarão; mas bastará lançar uma vista d'olhos sobre as duas nações mais elevadas da Europa (*Inglaterra, e França*) e sobre os *Estados Unidos* nossos conterraneos; para investigarmos a origem de seus progressos na carreira da opulencia. A primeira, a quem denominarão alguns — nação de pescadores — poderia hoje considerar-se uma nação marítima, cheia de experiência; mas já não alcançaria o ponto de prosperidade, que ha tocado, se, limitado o seu genio a afrontar os mares, não curasse de tirar vantagens da industria rural e manufactureira; cujos productos procurando consumo além dos mares, conduzidos por seus próprios navios, atrahem ao seu paiz novos valores, e novas exigencias: a consequen-

cia foi o emprego de braços, que, de puros consumidores, se tornarão productores; a elevação do commercio, cujos agentes cogitando meios de faser valer os fructos de toda a industria, por interesse proprio, animarão a mesma industria, e introduzirão o amor do trabalho, que concorre para o bem geral, e prosperidade commun: porém se este giro fora circumscreto ao seo litoral, cujas produções recebessem as suas quilhas, e aonde sómente podessem deramar os retornos, não chegaria de certo a famosa *dition* ao estado de riquesa, que poe em movimento toda a sua população. As estradas em todas as direcções, os canaes geraes e particulares, eis os vehiculos por onde os productos da industria de muitos milhões de braços, collocados em distancias diferentes, se vem accumular nos seus mercados, tomão direcções diversas, e apresentão valores reais, que deixarião de existir, como já se disse, se o movimento lhes fora difficultado. O mesmo podemos dizer da França, e com mais razão, attenta a sua posição continental, e sua actual abastança, e diremos mesmo civilisação, a facilidade, que lhe apresentão seus grandes canaes e multiplicadas estradas, para alcançar novos valores de productos variados. Os resultados de suas navegações, da experiença dos seus marinheiros intrepidos darião a este povo as vantagens, que deve na seo commercio interno, (independente de todos os eventos) e à sua industria espalhada por todo o solo francez, e que alimenta o seo commercio externo?... A resposta pode escutarse da Hespanha e Portugal, cujas descobertas, e navegações pasmosas, não os poderão salvar da pobreza e ignorancia, de que iam consolar-se no santo ocio dos mosteiros.

A industria alimenta as artes, e agricultura, o commercio, e a navegação; pode mesmo com aquelle nome designar-se todo o ramo de trabalho: o povo, que o despreza, mal pode percorrer

a carreira da civilisação moderna, e ficará muito á quem da meta, a que esta se abalança.

Todos sabem a que estado de prosperidade chegarão os *Estados Unidos*, esta feliz nação americana, que na sua carreira, tão recentemente encetada, parece ter avançado séculos! O amor do trabalho, a industria aperfeiçoada pela experiença, as instituições livres, tudo transplantado da antiga metropole, tomou raizes, e floresce gigantescamente em seo solo virgem. Logo que firmou a sua independencia, e a sua população tomou incremento, os *Estudos* fitarão o apice de gloria, a que os chamava o seo destino: povoar o seo vasto interior, facilitar o transporte do producto aos seus portos, por meio de canaes, estradas, pontes, etc., eis o seo primeiro cuidado. Assim vemos hoje esta nação apresentar numerosos productos, e dar consumo, já em seo seio, já fora delle, a valores immensos; alimentar uma navegação, que rivalisa com a da potencia mais comerciante do globo, e accumular capitais exorbitantes.

Que tem feito o Brasil, mesmo depois da sua gloria emancipaçao?... A nossa imaginacão, depois de bosquejar a ventura de povos muito menos favorecidos da natureza, esmorece quando se fixa no prospecto do nosso paiz! Não se tem visto nelle se não uma luta continua entre os interesses do poder, e os interesses dos povo; e como se fomentava a agricultura, o commercio, em fim toda a industria em geral? Tantos empréstimos, dentro e fora do paiz, tamanha dívida, que nos acabrunha, foi isto despêndido em promover o augmento da populaçao util? Aonde as novas estradas, os canaes, ou os monumentos, que attestem a sollicitude de uma administracão patriótica e ilustrada?... O nosso coração lateja pela patria e quisermos largar maldições... mas, não — corramos um véu sobre o passado, e esperancemo-nos de melhor futuro.

O Brasil ocupando uma extensão imensa descosta, com excellentes portos, tendo hum sertão vastíssimo, não deve temer a concorrença de povo algum, logo que a sua população occupe tão vasto territorio, a industria lhe dê vida, a sua producção possa aparecer aonde seja demandada, e entre em movimento em todas as direcções: só o seu commercio interno seria bastante para prosperá-lo. Que será quando, aproveitando a sua posição em frente (diga-mo-lo assim) de todos os portos do mundo, ofereça a todas as nações copia de transmutações que atraíam as vantagens de um commercio activo e prospero! E quais são os meios conducentes ao fim que desejamos? Promover por todos os meios possíveis a povoação de nossos sertões, e a moralidade desta povoação; sua applicação ao trabalho, e preparar-lhe as vias de comunicação, e transporte dos fructos da sua industria.

Memoria analytica acerca do commercio de escravos, e acerca dos males da escravidão domestica, por T. L. C. B.

Há na ordem de cousas, que os anhos consagraram uma grande força de resistencia. O espirito humano difficilmente devorcia-se dos preconceitos do passado para aceitar as ideias de reforma, e de progresso. Os principios, sob cuja influencia tem vivido longo tempo una sociedade, formam, por assim diser, uma parte integrante da razão publica; dahi vem, a immensa dificuldade de destruir os, porque o espírito resiste á abdicar-se a si mesmo, condenando como falso o fundo inveterado das suas ideias. Tal é a posição moral do Brasil relativamente á servidão domestica. Nós vivemos desde tres séculos debaixo do jugo do prejuizo, que nos assfigura a industria servil como a unica possível e lucrativa sob o céo ardente dos tropicos, e oppoem se com a maior contumacia á toda innovação no sistema do trabalho. Contra estes prejuizos as leis penas, todas as medidas de repressão serão sempre inefficazes e inapontentes, tanto que uma revolução moral não se operar nos espíritos, e mudar os sentimentos publicos a este respeito. A Memoria analytica acerca dos males da escravidão domestica é concebida e escrita n'este sentido. O

autor para satisfazer o programma de uma sociedade, que já não existe, propõe-se a mostrar a imoralidade do commercio de escravos, a vantagem do serviço dos homens livres sobre o dos escravos, á faser vêr a fatal influencia, que exercem nos nossos costumes civilisação e liberdade, emfim á expender os meios, pelos quaes a sua importação pode ser suprida. Esta memoria, que nas tres primeiras questões deve ser considerada menos como um trabalho original do que como a versão resumida do quarto volume do Tratado de Legislação de Mr. Charles Comte, é uma publicação do maior interesse, e importância. Ela demonstra com bastante profundesa de vistas o quanto a existencia da escravatura está em desarmonia com os sentimentos moraes, e religiosos, que devem animar um povo livre e civilizado. O christianismo, e a moral dão-se as mãos para stigmatizar essa odiosa exploração do homem pelo homem. Em quanto as palavras dos Clarkson, e dos Wilberforce conseguiram acabar em todas as partes do mundo esse commercio de mercadorias humanas, no Brasil elle continua em grande escala, penetra-o por todos os poros; o contrabandista apoiado na base dos sentimentos de uma parte da populacão, escarnece das leis, e continua com sucesso a detestável especulação. A Memoria nada deixa a desejar n'este assumpto; todos os argumentos, e profundas considerações de Mr. Charles Comte são reproducidas á propósito e bem commentadas.

O mesmo diremos do capitulo, que trata da influencia da escravatura relativamente aos costumes, e á civilisação. O autor parafraseando o original francês, examina essa influencia em todos os povos* possuidores de escravos, gregos, romanos, povos da meia-idade, habitantes das modernas colonias inglesas, francesas, hollandesas, hesianas. Os resultados são sempre os mesmos; a verificação historica dá sempre identica consequencia. O facto mais geral, o facto culminante, que oferece este exame, é o desprezo das classes livres para a industria, que é reputada premissão degradante; a ignominia do trabalho transmite-se ao trabalhador. Quer nas republicas antigas, que assentavam a estatua da liberdade sobre os homens do escravo, quer nas nações de hoje, a unica profissão do galariam, a unica reputada honrosa, é a que coloca

o cidadão na posição de influir sobre a sociedade, e sobre os outros homens. A philosophia grega proclama a indignidade e a vilania das artes utiles, porque, emfim a philosophia é a expressão do seo tempo, representa formula o pensamento geral da sua época.

Em Roma declara-se, em pleno senado que os trabalhos industriaes são indignos do cidadão romano; o horror do desprezo affugenta as massas sociaes d'esta occupação de escravos; a agricultura, e as artes marcham rapidamente para a decadencia, apesar dos esforços generosos de Plinio, Columello, e Varro. A introduçao dos escravos faz desaparecer os habitos laboriosos e simples dos Cincinatos; não há mais quem dirija alternativamente as rodas da charrua, e as armas do dictador. Na meia-idade, o cavalleiro deshonra-se trabalhando: para elle a espada, uma rica armadura, e o direito de pillagem; para povoações escravas a agricultura, e a industria. O Hollandez, o Franeez, o Inglez são activos, e industrioso nos seus países respectivos entramham-se de uma repugnancia irresistivel ao trabalho nas colonias, onde a industria anda en tregue aos braços africanos.

No Brasil a presença da escravatura tem surtido os mesmos effeitos; esse corpo estranho implantado no coração da organisação social nos tem tirado as tendencias, que devíamos ter; a aversão das profissões industriaes é um facto geralmente sentido; a avidez dos publicos empregos excede todos os limites, avidez que não é particular ao Brasil, mas commun á todos as nações proprietarias de escravos. Assinalaremos nós os outros inconvenientes da servidão domestica sobre os costumes, de que trata a Memoria?

Remettemos o leitor para a leitura da publicação, que analysamos. Ali o quadro dos vicios, das enormidades, dos desmachos dos costumes occasionados pela presença dos escravos, acha-se traçado com a maior verdade, e energia. Da serie de factos, que n'ella abundam deprehende-se, que a servidão domestica ainda é mais funesta para o senhor do que para o escravo.

A parte económica da Memoria analytica, em que considera a escravatura sob o ponto de vista da producção das riquezas não é inferior ás outras. O sistema do trabalho servil é sem comparação menos lucrativo que o do trabalho livre. O raciocínio, a experiência do

todos os povos, e de todos os tempos comprovam esta verdade do modo o mais incontestável. O espoço falta-nos; em outro numero voltaremos á esta excelente publicação.

EMBARQUE

DA EXPEDIÇÃO PARA O RIO GRANDE.

Com toda a solemnidade militar reuni-se hontem no largo da paço pelas nove horas da manhã a tropa destinada a ir levar a paz á província do Rio Grande. As esperanças resnasceram em todos os corações dos amigos da ordem, e alegria misturada de saudade e de entusiasmo corava as faces do numeroso concurso de povo que observava a intrepidez de seos bravos concidadãos que não cuidosos dos perigos da guerra só se animam com a lembrança da victoria, e com a certeza de que são elles os escolhidos para dar a paz á nação amedrontada. E' grande o sacrifício da vida, mas também não ha glória superior a do bravo soldado. E' nestas épocas que o soldado se ufana com sua sorte; é nestas épocas que os cidadãos pacíficos reconhecem que o valor é uma grande virtude.

Foi uma cena verdadeiramente sentimental, e as emoções se pintaram nas faces dos assistentes. A presença do jovem monarca e de todo o ministerio, que sabe des'arte grangear a confiança de um povo já sem esperanças, suscitava mil observações. Ha pouco tudo nos faltava, a incerteza impedia até a reflexão, hoje parece que tudo nos sobeja. A prestes com que passamos da morte á vida, da dúvida á certeza é já um grande passo que havemos dado. O ministerio pode-se applaudir deste primeiro serviço, e a nação que não duvida de suas intenções confia nas suas luses. A pesar de tantos obstáculos, pôde o governo organizar esta expedição, e é de esperar que não serão frustrados os seus desvelos. O Brasil comparando o estado actual da marcha dos nossos negócios, com a tenebrosa e malevola política dos transactos ministerios não deixará de reconhecer o quanto é superior a intelligencia illustrada á testa dos negócios do instinto caprichoso. Queira o céo que o animo renascido da miséria em que viviamos seja-o nuncio da nossa elevação, e que nunca volte a tempestade que se vai serenando com

o apparecimento da luz da intelligencia que brilha na cúpula do edificio social.

M.

RIO-GRANDENSES!

As desordens de vossa província tem consternado o coração de todos os Brasileiros. Unidos pelo sagrado vínculo da mesma religião, da mesma lei fundamental, dos mesmos interesses e recordações gloriosas, elles sempre considerarão proprias as desgraças de qualquer dos membros da grande família.

Interprete fiel dos seos e dos vossos proprios sentimentos, zeloso guarda da monarquia constitucional e integridade do imperio, condigões essenciais da nossa actual e futura felicidade, o regente interino, em nome do imperador o Sr. D. Pedro II, vai de novo esforçar-se em restaurar a paz, e o imperio da lei, que alguns homens insidiosos ou iludidos tem calcado aos pés em vossa província.

De diversos pontos do imperio marchão forças; e forças suficientes para tão desejado efeito; e não receieis que vos fallegão jamais os recursos necessarios para o triunfo da ordem e da liberdade.

Rio-Grandenses! O regente interino, em nome do imperador, não tendo em vista a vingança nem a persiguição, ao mesmo passo que arma os generaes com a espada, tão bem lhes entrega o ramo da oliveira. O mais glorioso feito das armas imperiaes será o de conciliar irmãos.

O recurso ás armas só terá logar contra aqueles que inteiramente surdos á voz da razão e da justiça, surdos á voz de seos proprios interesses, e de seos compatriotas, que lhe oferecerem o braço fraternal, continuarem na carreira da anarchia e da desordem.

Rio-Grandenses! O Governo Imperial fará quanto deve: cumprê que o coadjuveis. A divina providência que vela sobre os preciosos dias do nosso jovem Monarca, bem como sobre os destinos do Brasil, coronará os nossos esforços com o mais feliz sucesso.

Viva a Religião! Viva a Constituição e o Acto Adicional! Viva o Imperador! Vivão os Rio-Grandenses, descansores de tão sagrados objectos!

Palacio do Rio de Janeiro, em 6 de Outubro de 1837. — Pedro de Araujo Lima. — Bernardo Pereira de Vasconcellos.

OBRAS PÚBLICAS.

Pede-se-nos a incréção do seguinte:

O gosto architecónico de nossos monumentos cada dia dá um passo para a retrogradação, e parece que cede á influencia das ideias do tempo em matéria do bello.

A camara dos senadores, ou armasem que se construe debaixo d'esta pomposo título é uma fabrica provisória, e de um provisório aterrador, porque baseada sobre o antigo alicerce nos augura a mesma sorte do antigo palacio do conde dos Arcos estragado e mutilado pelo carpinteiro Cavroé tão inteligente em politica como em bellas-artes. E' pouco lisongeiro o monumento que a camara manda elevar para n'elle dirigir os seos tra-

balhos: a consagração de um monumento a um fim qualquer é a manifestação da intenção da ideia que o erige; e uma camara, (n'um paiz, que não é de *Cincinnatus*,) que deixa executar-se semelhante barraca, ou é porque negligencia sua propria ostentação e nobresa, ou por falta de sentimento do bello; a consequencia é triste, e pouco lisongeira para todos.

O que acontece na camara dos senadores, na congregação do que ha de mais illustre no Brasil acontece no Theatro nacional. Um templo de bellas-artes que não é presidido pelas bellas-artes; um monumento reconhecido imperfeito, d'esde o seu começo, e que se redifícita ou restaura, passa do estado mediocre ao estado da caricatura e dir-se-ha que presidem a sua construção o máo gosto e a ignorância. Consta-nos que o Sr. Araujo Porto Alegre dera um desenho para a fachada do Theatro fluminense, mas tambem não accreditamos que elle seja o executado, por que é impossivel que o Sr. Araujo que estudeu e viajou quasi toda a Europa não apresentasse uma obra capaz de sua reputação. O Theatro da praia de D. Manoel é um absurdo na architecatura, e a decoração interna está abaixo de tudo quanto se pode imaginar: si esse theatro fosse construido por um simples particular que entregasse a edificação a um carpinteiro, como entre nós se faz, ainda passaria com desculpa, mas edificado por artistas, e apresentar-se tal que o primeiro estrangeiro, que a vir, e souber d'esta circunstancia dirá que os artistas que o edificaram são tanto na arte dramatica, quanto o mestre carpinteiro é em architecatura.

A Academia das bellas-artes, que é o melhor monumento do Brasil, tem um prospecto; o Thesouro nacional que lhe está contiguo tem outro: ora devendo-se fabricar uma casa entre estas duas fabrícias o bom senso pede que se fassa de uma das dues architecaturas, ou a do tesouro ou a da academia, mas quiz a fatalidade que se fizesse uma guinolla d'entro sem uma nem outra! Ora isto é uma completa negativa do sentimento das artes?

A casa que se acha na rua do Ouvidor, e que apresenta um baixo relevo colorido figurando um marinheiro com dous caens é da escola da outra que está no largo d'Ajuda com uns trofeos marítimos, e estas duas propriedades bastariam para attestar a retrogradação que fizeram na architecatura, d'esde o vice-rei Vasconcellos, até hoje.

A fachada do Museu, o Quartel dos permanentes, o Quartel do campo de S. Anna, o sobrado do Arsenal de marinha e outros mais primores d'arte se podem com razão chamar monumentos d'arte barbara.

Nós temos homens, procurem-nos.

M. A.

LITTERATURA.

CASIMIR DELAVIGNE.

Casimir Delavigne é o representante do verdadeiro e puro romantismo litterario em Paris: no meio dos horrores, e imprecações, que exhalavam os theatros durante os annos de 1828, 29, 30, e 31, tempo do reinado da escola ultra-romantica, atacado por todos os lados e por todos os adeptos das novas doutrinas, conservou-se sempre no mesmo sistema, que havia adoptado, tudo despresou, insultos e criticas infundadas, odios e desejos de derrubar-lhe a gloria, que com tanto trabalho havia adquirido. Depois de uma furiosa representação de *Lucrecia Borgia*, da *Torre de Nesle*, da *Câmera Ardente*, elle se apresentava com um *Luiz XI*, tragédia em 5 actos, e em verso; e á despeito das intrigas e cabalas de seos desesperados rivais, esta composição maiores aplausos, e mais successos obtinha do que todas as obras delirantes e exageradas dos dramaturgos ultraromanticos. O publico de Paris, e da França tinha razão no acolhimento das composições de Delavigne, porque quanto é mais bella a pintura real da natureza, quando envolvida nas negras vestes nocturnas, vê deslizar os raios da lua, que predomina entre os astros, candida e sublime, e esses raios assemelhando-se ás inspirações angelicas, que comunicam o homem com a divindade? Quanta é mais sublime a descrição de uma linda cascata, que resvala em uma campina coroada de fructíferas arvores, sobre as quaes échocam os gorgões dos passaros, que brincando e saltando, tecem hymnos de amor ao autor do universo? Quanto é mais agradável o esboço de unha manhã tendo por adornos esses lindos meteoros, essas linhas de fogo, que parecem á roda d'ella festejá-la? Quanto é superior esta viva poesia, tão verdadeira, tão attractiva á descrição do sol do meio dia, com seos raios de fogo, que abrasam, com seo excentrico calor, que nos affadiga?

Assim se podem diffinir os dous systemas, romantico puro, e ultra-romantico: o primeiro agradável, interessante, natural; o segundo exagerado, furioso, sanguinario, caudáverico, monstruoso.

Casimir Delavigne foi, segundo a voz publica, escrevente de um tabellião publico, e ali quando lhe faltavam trabalhos judiciais, autos de processos e mais papéis de chicanas forenses, copiava peças de theatre, para a divisão das partes entre os actores: o gosto de tal trabalho foi-se lhe communicando, e tentou compor uma tragedia, na idade de

vinte e oito annos. *As Vespertas Scillannas* foram o producto de suas vigilias, tragedia em 5 actos, onde se reconhece um verdadeiro talento, que começara á brilhar n'uma vasta carreira. O grande estudo de processos, o intrincado trabalho de fôro, deram-lhe um espírito de meditação sobre tudo o que compoem, e ao mesmo tempo lhe descobriram os arcana do coração humano. O uso de ouvir partes litigantes, de emparanhar as questões, de procurar todos os meios possíveis para defender ou atacar o adversario, de indagar sophismas, que tendiam á dar por verdadeiro o que so primeiro golpe de vista parece impossivel, de excogitar razões pró e contra segundo a occasião e o momento, de aprofundar a consciencia das pessoas, que procuram o ministerio do advogado, dão uma certa scienzia dos desejos, o sentimentos do coração humano, desenvolvem a teorias dos diversos intimos affectos, que predominam nos homens; e essa teoria, não se apreende senão com o uso, a prática e longo habito. Casimir Delavigne descreveu com toda a verdade e natural as personagens, que collocou em scena; e ainda que faltasse a verdade historica no que diz á respecto dos Franceses, que tantas barbaridades commetteram na Sicilia, quando a governaram, com tudo este defeito, este erro é desculpado, por ser em um autor francês, que não deve apresentar os seos compatriotas sob tão negras cores.

Immediatamente a tragedia do *Paria* seguiu *as Vespertas Siciliannas*. Inspiração das gregas composições, amoldada sobre as tragedias de Sophocles, este novo drama finaliza todos os seos actos por chôros de virgens, e do povo Brahma, tão poeticos, tão arios, que quasi rivalissem com os Psalmos de David. O enredo d'esta tragedia é simples, e curto, porém tão bem desenvolvido, que a attenção do expectador se acha identificada, com a marcha da tragedia. A pintura do — *Paria* — d'esse misero ente, sem pai, sem mãe, sem fortuna, sem casa, exposto ás injurias da terra, e aos insultos do ar: perseguido pelos homens, que se acreditam de diferente especie, só sustentado, só apoiado sobre o amor de uma jovem e inocente filha que esquece os seos votos de virgem do sol, para prender-se em cadeias terrestres, que a devem conduzir ao princípio, e acarretar o desonra sobre toda a sua familia, é divinamente desenvolvida.

Si até aqui o temos visto poeta tragicó, eil-o que se lança nos braços de Melpomene, e que nos mimosa com duas lindissimas comedias, intituladas — *a Escola dos Velhos* — e — *os Comicos*. — N'estas duas composições nota-se tudo quanto elle aprendeu, como escrevente de tabellião; intrigas conjugais, enredos domesticos, amorosos prazeres, ga-

lantes aventuras, tudo elle descreve, e seos traços são novas vidas ás passagens que elle desenvolve.

Uma tradução, ou melhor uma imitação de *Martio Faliere*, tragedia de Lord Byron, adaptada ao Theatro Francez, torna lugar no meio de seos trabalhos de composição, e é immediatamente seguida do seu *primo d'arte*, da mais sublime das modernas composições, *Luiz XI*, parecendo servir de degraus de escada, pelos quaes possa elle subir á aquella magnifica obra. Uma análise de *Luiz XI* é tão difícil, como foi sua composição. Não se pode dizer nem pouco, nem muito. Tudo está tão bem ordenado, e tão ricamente colorido, o todo, partes, caracteres, paixões, sentimentos, historia, linguagem, usanças antigas, que tornam desnecessario o *methodo anatomico* na arte litteraria. É necessario ver *Luiz XI*, para bem se poder apreciar, porém não *Luiz XI* mutilado, cortado, assassinado, como no Brasil se practica com as obras litterarias.

Uma imitação do *Ricardo III* de Shakespeare, sob o nome de — Filhos de Eduardo — serviu de passatempo ao autor de *Luiz XI*, para a preparação de Dom João d'Austria, comedia em 5 actos, e de — Uma família no tempo de Lutero — tragedia em 1 acto, e em verso. Cada qual d'estas ultimas peças é magnifica e digna de Delavigne. De todos os poetas dramaticos, que brillam em Paris, Delavigne e Scribe, são os dous únicos, que maiores successos tem obtido.

Delavigne é autor tambem de uma colleção de bellas poesias intituladas — Messénianas — cantatas verdadeiramente patrióticas, e inspiradas. Durante o ephemero reinado dos Bourbons pertencia elle ao partido da oposição: repercutia com suas poesias o écho, que rombia as abobedas da câmara dos deputados; unia os canticos harmoniosos de sua lyra ás vozes eloquentes de Benjamin Constant, Royer Collard, e Dupin ainé; aliaava seos versos tão cadenciados á prosa fogosa de Armand Carrel, e de Thiers: rival de Beranger, era o poeta da classe média da populacão, cujos animos elle revolvia, como Beranger era o da classe plebeia, que com suas cantigas se exaltava, e anhellava revoluções.

Hoje ocupa elle o lugar de bibliotecário publico; é membro da Academia Francesa, defende o partido de Luiz Felipe, e coroado de louros na idade de quarenta e cinco annos, nada teme da morte, porque agora só lhe pode ella roubar a vida, esmagar-lhe o corpo, pois que seu nome pertence á posteridade:

P. S.